

A DIMENSÃO DA AL-QAIDA NO SUDESTE ASIÁTICO

Maria do Céu Pinto

A influência da Al-Qaida na cultura da militância islâmica no Sudeste Asiático é profunda e a sua rede extensa e consolidada. O Sudeste Asiático conta com 282 milhões de muçulmanos, mais de um terço da população muçulmana mundial. A maior parte concentra-se na Indonésia (230 milhões), isto é, mais de 90% da população islâmica daquela zona. A penetração da Al-Qaida na Indonésia remonta ao episódio da guerra no Afeganistão, quando elementos do Islão radical indonésio foram cooptados para o desígnio da jihad global de Osama bin Laden.

Só na sequência dos atentados de 11 de Setembro é que se tornou evidente a extensão do envolvimento da Al-Qaida na região. O Sudeste Asiático tem hoje a maior concentração de operacionais da Al-Qaida fora do Afeganistão e do Paquistão. Grupos terroristas locais fazem parte de uma rede difundida na Indonésia (Jemaah Islamiyah, Laskar Jihad, o Movimento para a Libertação de Aceh), na Malásia (o Movimento Mujahideen da Malásia, o Kumpulan Militante da Malásia e o Al-Maunah) e nas Filipinas (Abu Sayyaf e a Frente Islâmica de Libertação Moro). Estes grupos foram infiltrados pela Al-Qaida e os seus agentes usados em complotos descobertos no período pós-11 de Setembro. A penetração da Al-Qaida nesta zona do mundo remonta a 1988 com a visita efectuada por Mohamed Jamal Khalifa – cunhado de bin Laden – à região.

À excepção de Singapura e, em menor grau, da Malásia e das Filipinas, a rede da Al-Qaida no Sudeste Asiático permanece fortemente implantada. O atentado de Bali, em Outubro de 2002 (202 mortos), e o atentado contra o Hotel Marriott em Jacarta, em Agosto de 2003 (13 mortos), são a demonstração disso. A Jemaah Islamiyah (JI) é uma autêntica filial da Al-Qaida na região. Trata-se de uma organização maior do que se pensava inicialmente, que estabeleceu alianças com uma multiplicidade de grupos na região e com um tipo de liderança que lhe permite regenerar-se¹ apesar da captura do seu líder, Riduan Isamuddin, nome de código «Hanbali», o principal agente da Al-Qaida na zona.

Um dos equívocos graves do *intelligence* americano, que custou aos EUA a experiência traumática do 11 de Setembro, foi o de não terem dado a devida importância ao Sudeste Asiático enquanto palco de preparação da primeira grande operação da Al-Qaida: o ataque

ao World Trade Center (WTC) em 1993. Ora, este ataque revelou aos americanos o nome do ainda desconhecido Osama bin Laden. O seu nome surgiu aos investigadores na qualidade de conhecido do *sheikh* egípcio Omar Abdul Rahman – mentor espiritual dos autores do atentado – e como proprietário do albergue «Martyr Azzam» em Peshawar onde Ramzi Ahmed Yousef – o líder do atentado – esteve hospedado. Ramzi Yousef, paquistanês, depois do atentado fugiu para o Paquistão e escapou depois para as Filipinas. Yousef, um kuwaitiano de origem paquistanesa, era um dos formandos dos campos de treino financiados pela Al-Qaida em Peshawar, cidade paquistanesa na fronteira com o Afeganistão. Em 1988, passou vários meses a aprender a fazer bombas e a ensinar

electrónica, matéria que tinha aprendido durante a sua licenciatura na Escócia.

Foi em Peshawar que Yousef, por intermédio de bin Laden, conheceu Abdurajak Janjalani, líder e fundador do grupo terrorista filipino Abu Sayyaf. A pedido

A INFLUÊNCIA DA AL-QAIDA NA CULTURA DA MILITÂNCIA ISLÂMICA NO SUDESTE ASIÁTICO É PROFUNDA E A SUA REDE EXTENSA E CONSOLIDADA.

daquele, Yousef acompanhou Janjalani numa visita às Filipinas para infiltrar os grupos islâmicos locais. Com o apoio financeiro de Khalifa, cunhado de bin Laden, a sua missão era treinar o grupo Abu Sayyaf em técnicas terroristas. A organização, em termos de estrutura, ideologia, táticas e selecção dos seus alvos foi profundamente influenciada pela Al-Qaida: actos terroristas em larga escala, utilização de bombas contra igrejas, assassínio de missionários e padres estrangeiros e rapto de reféns, especialmente cidadãos americanos.

Entre 1991 e 1992, Yousef prodigalizou os seus conhecimentos aos seus camaradas de armas no campo de treino de Basilan. Aí adquiriu o seu *nom de guerre*, «Químico», tal era a sua habilidade na construção de engenhos explosivos. Yousef voltou ao Paquistão e, no início de Setembro de 1992, fazia a sua entrada nos EUA através do aeroporto J. F. Kennedy de Nova Iorque. Yousef pediu asilo político, alegando ter sido perseguido pelo exército iraquiano. Em Nova York, Yousef estabeleceu laços com o *sheikh* egípcio, Omar Abdul Rahman, um membro do grupo radical egípcio *Jihad*, que tinha fugido do Egipto por ter sido condenado pelo seu envolvimento no assassinato do Presidente Anwar Sadat, em 1980. Yousef iniciou então o «Projecto bomba», usando produtos químicos e grande quantidade de nitroglicerina. A 26 de Fevereiro de 1993, Yousef colocou a bomba no parque do WTC. A explosão provocada tinha como objectivo causar o colapso de uma das torres sobre a correspondente torre gémea, matando 250 mil pessoas. O resultado foi a morte de seis pessoas, mais de 1000 feridos e milhões de dólares de prejuízo.

Depois do atentado contra o WTC, Yousef fugiu para o Paquistão onde se hospedou numa das casas-refúgio de bin Laden. Durante a sua estadia, Yousef tentou assassinar Benazir Bhutto, então em campanha eleitoral para as eleições legislativas. A bomba explodiu prematuramente ferindo o terrorista no olho esquerdo. Yousef fugiu mais uma vez, regressando às Filipinas.

Em Manila, Yousef alugou um apartamento com os seus colegas da Al-Qaida: Khan Amin Shah (que bin Laden, numa entrevista, afirmou conhecer bem) e Abdul Ilakim Murad. Em conjunto, os terroristas lançaram o «plano Bojinka», um ambicioso *complot* que previa uma série de actos terroristas. Detalhes do plano emergiram durante o julgamento de Ramzi Yousef nos EUA. Um deles visava assassinar o Papa João Paulo II, que deveria chegar numa visita às Filipinas em inícios de 1995. Se o plano, usando uma bomba, corresse mal, haveria um agente da Al-Qaida disfarçado de padre para disparar contra o Papa. O plano previa ainda:

- O assassinato do Presidente Clinton durante a sua visita a Manila em 1994.
- O assassinato do Presidente das Filipinas Fidel V. Ramos, bem como de uma série de altos funcionários, militares, membros da polícia, diplomatas estrangeiros e outras personalidades.
- Ataques à bomba contra centros comerciais e grandes estabelecimentos de comércio, a embaixada americana, uma escola internacional, igrejas católicas e instalações estatais.
- O rapto de personalidades para fins de resgate, o assalto a bancos, instituições financeiras e comerciais.
- O assassinato de cidadãos americanos e israelitas.
- A explosão simultânea de 12 aviões americanos de longo curso, em pleno voo, usando bombas de nitroglicerina.
- Atentados sincronizados contra as embaixadas americanas e israelitas nas Filipinas e noutras capitais da zona, nomeadamente em Banguecoque.
- Um ataque com um avião sequestrado contra a sede da CIA na Virgínia².

Como ensaio para os atentados contra os aviões, Yousef, em 1994, colocou uma bomba num avião das linhas aéreas filipinas com destino a Tóquio, matando um cidadão japonês. Durante a preparação dos explosivos, ocorreu uma explosão no apartamento onde se encontravam os terroristas. Wali Khan e Murad foram imediatamente presos e Yousef conseguiu fugir para o Paquistão onde acabaria por ser capturado e extraditado para os Estados Unidos.

Bin Laden enviou para as Filipinas e para a Indonésia alguns dos seus homens de confiança para se inserirem nas comunidades locais, frequentemente através de casamentos, e para se infiltrarem em grupos locais. A rede logística foi instalada entre 1988-1993. Khalifa instalou-se naquele país onde terá desposado uma mulher local. Tinha dois objectivos: o mais imediato era recrutar jovens combatentes para a luta no Afeganistão; o segundo objectivo era a criação de células locais.

Todos os líderes de topo da JI e muitos dos seus operacionais de nível inferior passaram pelos campos de treino do Afeganistão entre os anos 1985-1995. Na Indonésia, Abdulah Sungkar, líder do grupo fundamentalista Darul Islam, que pugnava pela criação de um estado muçulmano, começou a recrutar elementos para o Afeganistão a partir de 1985. Esses recrutados foram enviados através do «Centro de Serviços» (*Maktab al-Khidmat*), a organização fundada por Abdullah Azzam em Peshawar, na fronteira paquistanesa

com o Afeganistão. Azzam foi o fundador da Al-Qaida original e foi o mentor de bin Laden enquanto este era estudante na Arábia Saudita. Os recrutas eram enviados para o campo de treino de Abd Rasul Sayyaf, comandante de uma das facções em luta contra os soviéticos³. Através de Sayyaf, muitos líderes da JI tiveram acesso a bin Laden⁴.

A célula filipina criada por Khalifa era liderada por dois árabes: Ramzi Yousef e o tio deste, Khalid Sheikh Mohammed, um membro do núcleo duro da Al-Qaida e figura

central no planeamento dos atentados de 11 de Setembro, capturado em 2003 no Paquistão. Khalifa tornou-se director da filial filipina da Organização Islâmica Internacional de Ajuda e da Liga Muçulmana Mundial. As fundações eram usadas para

TODOS OS LÍDERES DE TOPO DA JI E MUITOS DOS SEUS OPERACIONAIS DE NÍVEL INFERIOR PASSARAM PELOS CAMPOS DE TREINO DO AFGANISTÃO ENTRE OS ANOS 1985-1995.

canalizar dinheiro para os dois grandes grupos islâmicos das Filipinas: a Frente Islâmica de Libertação do Povo Moro (FILM)⁵ e o temível Grupo Abu Sayyaf⁶. Milhares de membros destes grupos fizeram estágio de treino no Afeganistão, tendo regressado às Filipinas para continuarem a luta contra o governo⁷.

Alguns meses após o desaparecimento de Ramzi Yousef, bin Laden enviou para as Filipinas um kuwaitiano, de seu nome Omar al-Faruq. Al-Faruq foi preso em Junho de 2002 e foi deportado para a base de Bagram, no Afeganistão. Durante o seu interrogatório, os investigadores americanos descobriram que não estavam a lidar com um simples operacional da Al-Qaida. O seu papel, de acordo com as revelações de Abu Zubaydah, o gestor dos campos de treino da Al-Qaida no Afeganistão, era organizar ataques em larga escala contra interesses americanos na Indonésia, Malásia, Filipinas, Singapura, Tailândia, Formosa, Vietname e Cambodja. Al-Faruq revelou que estava na calha um plano para conduzir ataques contra embaixadas americanas na região, por altura do primeiro aniversário do 11 de Setembro, utilizando carros e camiões armadilhados.

Ao chegar às Filipinas, al-Faruq tentou inicialmente pôr a trabalhar juntos os extremistas muçulmanos da Frente Islâmica de Libertação Moro e o Grupo Abu Sayyaf. A sua relação acabaria por resultar melhor com a FILM e, a pedido de bin Laden, a Frente abriu um dos seus campos de treino em Mindanao, Abu Bakar, aos instrutores da Al-Qaida. Outros campos foram abertos: Campo Palestina, para os árabes; os campos Vietnam e Hudaibie para os malaios e indonésios. A partir de 1995, quando a presença no Afeganistão começou a tornar-se insustentável, Sungkar decidiu recorrer à FILM para ter acesso aos campos de treino de Mindanao⁸. Mais de 1500 indonésios passaram por aqueles campos inclusive após 2000, quando o exército filipino atacou o campo Abu Bakar.

No final dos anos 90, bin Laden enviou al-Faruq para a Indonésia. Com os seus 200 milhões de muçulmanos, a Indonésia é um excepcional terreno para recrutamento de novos militantes. Em 1999, depois da queda de Suharto, a Al-Qaida criou um campo de treino na Sulawesi Central.

Nesta altura, al-Faruq era já o mais alto representante de bin Laden na região com a tarefa de coordenar os grupos islâmicos e de empregar as forças daqueles para conduzir ataques contra os EUA. Al-Faruq casou com uma mulher local e criou ligações com a Jemaah Islamiyah de Abu Bakar Bashir. Bashir é uma figura central do fundamentalismo na região com uma longa história de oposição ao regime e de luta pela criação, no âmbito do movimento Darul Islam, de um estado islâmico na Indonésia. Em 1971, Bashir, juntamente com Abdullah Sungkar, fundaram, em Solo (Java Central) a escola islâmica (*pesantren*)⁹ Pondok Ngruki, um centro de islamização e de doutrinação para o Islão jihadista¹⁰.

COM OS SEUS 200 MILHÕES DE MUÇULMANOS, A INDONÉSIA É UM EXCEPCIONAL TERRENO PARA RECRUTAMENTO DE NOVOS MILITANTES.

Bashir é um Indonésio de 66 anos que fugiu para a Malásia nos anos 80 escapando da repressão do regime de Suharto que o encarcerou. Regressou à Indonésia com a queda daquele líder em 1999, pensando que estavam reunidas as condições para a realização do seu sonho. Fundou, em 1995, a Jemaah Islamiyah, a maior rede de terror islâmico no Sudeste Asiático, juntamente com Hanbali, o elemento operacional, na altura em que ambos moravam na Malásia. Este movimento, infiltrado pela Al-Qaida, coordena agora outros grupos que actuam na Indonésia ou nos países vizinhos.

O âmbito de actuação da JI é verdadeiramente transnacional. A JI divide-se em quatro comandos territoriais: I. Singapura e Malásia; II. a maior parte da Indonésia, incluindo Java, Sumatra, e a maior parte da Indonésia Oriental; III. Sabah, o Kalimantan Oriental, Sulawesi e Mindanao; IV. Papua e a Austrália. A Indonésia seria o foco da *jihad*; Singapura e Malásia seriam o terreno de obtenção de fundos¹¹.

Al-Faruq, o representante de bin Laden na região, confessou que Bashir o autorizou a usar os meios e agentes da JI para os ataques às embaixadas, que não chegaram a realizar-se dado o dispositivo de segurança posto em prática. Bashir terá até enviado um membro da sua organização para planear o ataque à embaixada americana na Malásia. Al-Faruq e a JI foram os responsáveis pela série de atentados à bomba coordenados contra 38 igrejas cristãs que tiveram lugar em 11 cidades da Indonésia e que mataram 22 pessoas na véspera do Natal de 2000¹². Organizou também uma tentativa falhada de assassinato da Presidente da Indonésia que falhou porque a bomba detonou prematuramente. Também tentou organizar um ataque suicida em Maio contra navios da Marinha americana semelhante ao ataque contra o *destroyer* USS Cole no Iémen¹³.

O objectivo da JI é a criação de uma nação islâmica (*Darul Islam*, «Domínio da Fé») que vai do Sul da Tailândia, passa pela Malásia, Mindanao (Filipinas), Singapura, Brunei, Tailândia, pelo arquipélago indonésio e inclui mesmo o Camboja. Trata-se de um super-estado islâmico sonhado pelos fundamentalistas islâmicos indonésios que fugiram à repressão de Suharto e que, na Malásia, formaram uma elite, composta por ideólogos e operacionais, que criou a Jemaah Islamiyah.

O estratega da JI era Hanbali, capturado na Tailândia em Agosto de 2003, e actualmente sob custódia americana. Trata-se de uma figura de primeiro plano, director de operações da Al-Qaida no Sudeste Asiático e principal angariador de fundos. Tal como todos os operacionais da Al-Qaida, participou na guerra do Afeganistão nos anos 80. Depois da guerra, Hanbali foi viver para a Malásia, para a mesma aldeia onde Bashir dirigia a sua escola corânica. Este país tornou-se o ponto de encontro de membros de grupos radicais com operacionais da Al-Qaida e o núcleo da formação da JI.

A partir de 1994, na sua casa modestíssima numa aldeia longe de Kuala Lumpur, Hanbali começou a receber visitas frequentes e a dar mostras de sinais exteriores de riqueza. Foi assim que, durante anos, sem levantar suspeitas, coordenou actividades de recrutamento de activistas destinados a campos no Afeganistão e de recolha de fundos para a Al-Qaida. Hanbali é o responsável pela sucessão de atentados do Natal de 2000 e pelo atentado de Bali. Durante a sua presença na Malásia, Hanbali tratou da viagem à Malásia de dois dos pilotos suicidas que se despenharam contra o Pentágono no início de 2000: Khalid Almidhar e Nawaf Alhazmi. Membros do *intelligence* americano tinham alertado as autoridades malaias para esse encontro. Na sequência do atentado contra o USS Cole, em Outubro de 2000, os serviços secretos americanos mantinham sob vigilância um telefone da Al-Qaida no Iémen e descobriram que um dos membros da célula iemenita iria estar presente na reunião. Nesta foi discutido o atentado contra o *destroyer* americano e a mesma terá servido para planear os atentados de 11 de Setembro.

O encontro teve lugar no apartamento de um malaio pertencente à JI, Yazid Sufaat, um bioquímico formado nos EUA e antigo capitão do exército. Os serviços secretos malaios encarregaram-se de seguir e de fotografar os dois terroristas. Inacreditavelmente, os serviços secretos americanos deixaram os terroristas, alguns dias após a reunião de Kuala Lumpur, voar para Los Angeles. E isto apesar de a CIA estar na posse de informações que ligavam Almidhar a um dos bombistas do USS Cole. Além disso, tendo o visto daquele terrorista caducado em Junho de 2001, o Departamento de Estado emitiu-lhe um novo. Uma vez que a CIA não transmitiu a informação aos serviços de imigração nem ao FBI, os terroristas puderam, usando os seus verdadeiros nomes, obter a carta de condução, abrir contas bancárias e inscrever-se em escolas de aviação. Só a 23 de Agosto, alguns dias antes do atentado, é que o director da CIA, George Tenet, tendo recebido sinais claros sobre a iminência de um ataque, ordenou uma revisão dos ficheiros e pôs os seus homens no encaço dos dois terroristas sauditas¹⁴.

O apartamento de Sufaat, o agente malaio da Al-Qaida, recebeu outro visitante familiar: Zacarias Moussaoui, um francês de origem marroquina, conhecido como o «vigésimo piloto suicida». Moussaoui foi preso no Minnesota em Junho de 2001 devido às suspeições que levantou na escola de aviação que frequentava. As suspeitas surgiram da insistência de Moussaoui em aprender apenas os procedimentos de descolagem e manutenção da rota em voo e pelo seu desinteresse nas manobras de aterragem. Através de uma empresa pertencente à sua mulher (Infocus Tech), Sufaat escreveu uma carta de

recomendação onde atestava que Moussaoui era um vendedor da empresa que tinha um rendimento mensal de 2500 dólares. Esta carta permitiu àquele membro da Al-Qaida obter o visto e entrar nos EUA, onde se inscreveu numa escola de aviação.

As actividades de Hanbali passaram em claro, mesmo quando se descobriu, em 1995, que Amin Shah, o terrorista preso nas Filipinas, por ligação ao atentado de 1993 contra o WTC, era seu sócio numa empresa de exportação de óleo de palma para o Afeganistão. Hanbali enviava também quantias consideráveis para as empresas de Khalifa nas Filipinas. No início de 2000, Hanbali regressou à Indonésia para coordenar o plano de atentados do Natal de 2000. Regressou à Malásia, tendo desaparecido em Janeiro de 2001 em direcção ao Paquistão.

A JI é a responsável por um ataque que estava a ser planeado em finais do ano passado contra uma série de alvos ocidentais em Singapura. De acordo com os investigadores, os membros da JI começaram a infiltrar Singapura em 1993 onde criaram células adormecidas. Desde 1997, que faziam vigilância dos possíveis alvos, essencialmente aqueles relacionados com a presença americana. Após 11 de Setembro, a polícia de Singapura foi avisada por um informador de que um cidadão local com ascendência paquistanesa, Mohamed Aslam bin Yar Ali Khan, tinha ligações com a Al-Qaida. No início de Outubro, o suspeito deixou Singapura com destino ao Afeganistão. Em finais de Novembro, Aslam foi detido naquele país pela Aliança do Norte, o grupo que se opunha aos Taleban. Antes que essa notícia fosse divulgada, a polícia de Singapura interveio rapidamente, capturando 13 elementos da rede. Os interrogatórios aos detidos e a análise do material encontrado na casa dos suspeitos revelaram a dimensão do *complot* que estavam a organizar e as suas ligações à JI.

Nas ruínas da casa de Mohamed Atef, o chefe de operações da Al-Qaida, morto durante os bombardeamentos nos arredores de Cabul, em 2001, foi descoberta uma série de vídeos. Estes retratavam a estação de metro de Yushun e uma estação de autocarros frequentemente utilizadas pelos militares americanos para se deslocarem até à nova base naval de Changi. O vídeo era acompanhado de comentários por parte do autor de como se poderia colocar uma bomba nessas zonas. Outras cassetes retratavam a embaixada americana, o Alto Comissariado inglês e australiano, a embaixada israelita e outros alvos americanos. Depois de 11 de Setembro, o grupo acelerou a preparação dos planos. Chegaram a Singapura dois membros da Al-Qaida: um árabe de identidade desconhecida e Fathur Rohman al-Ghozi, um indonésio que treinou no Afeganistão e que geriu parte do campo de treino Abu Bakar da Frente Moro.

Os dois operacionais informaram os seus contactos locais que iriam necessitar de 21 toneladas de nitrato de amónio e de espaço para a construção de vários camiões-bomba. Um dos membros da célula local era Sufaat que adquiriu quatro toneladas daquele produto e o armazenou numa cidade da Malásia, a cerca de 150 quilómetros de Singapura. O plano era montar sete camiões-bomba, colocados junto dos referidos alvos. Cada um tinha uma capacidade explosiva maior do que a usada no atentado em Oklahoma em 1995.

Nos últimos anos, a Indonésia assistiu à explosão dos conflitos entre cristãos e muçulmanos. Os confrontos atingiram proporções alarmantes, particularmente nas Ilhas Molucas, devido à intervenção de milícias muçulmanas.

É o caso do grupo Laskar Jihad (LJ) formado em 1999 por um sheikh muçulmano, oriundo de Java Oriental, que participou, em meados dos anos 80, na guerra do Afeganistão. Na sequência de uma explosão de violência, em 1998, entre muçulmanos e cristãos, o sheikh Jafar Umar Thalib, decidiu formar uma força de defesa para ir em socorro dos seus compatriotas. O grupo enviou 3000 voluntários para Ambon, capital da província das Molucas, alegadamente para defender a comunidade muçulmana. No processo, a violência que utilizaram alienou os próprios muçulmanos locais. Em 2002, o Laskar Jihad abriu outra frente de combate no vizinho Sulawesi, para onde enviou cerca de 7000 combatentes. Em Poso, no Sulawesi Central, este grupo semeou o terror: usando machetes e bombas, os membros da LJ estão envolvidos numa autêntica caça aos cristãos, e na destruição sistemática das povoações e igrejas cristãs. No auge da campanha de terror, entre 1999 e Dezembro de 2001, dezenas de milhares de pessoas fugiram das zonas costeiras refugiando-se nas florestas.

Em Junho de 1999, a JI decidiu enviar ajuda para Ambon, nomeadamente através do grupo KOMPAK Mujahidin, um grupo com o qual, até à data, não tinha relações. Este facto é elucidativo do potencial da JI que, tal como a própria Al-Qaida, cria alianças com grupos locais que servem os fins do movimento, concedendo-lhes diferentes graus de apoio em função das circunstâncias. Ambon tornou-se o ponto de encontro dos veteranos do Afeganistão, dos formandos de Mindanao e de *mujahidin freelance*. Tornou-se igualmente um campo de treino para a *jihād* de uma miríade de grupos muçulmanos radicais.

Grupos radicais pululam hoje em Java e na Sumatra (as principais ilhas da Indonésia): além da LJ, a Frente dos Defensores Islâmicos, o Laskar Jundullah, a Frente da Juventude Muçulmana Indonésia e o Conselho Indonésio dos Mujahidin. São grupos que, em defesa dos bons costumes muçulmanos, organizam milícias que percorrem as cidades armadas para destruir os chamados «locais de vício», como estabelecimentos de jogo, casas de prostituição ou discotecas.

Na Indonésia, até à data, tem-se registado uma notável falta de vontade de agir com firmeza contra manifestações de terrorismo muçulmano. Megawati Sukarnoputri receia alienar a opinião pública muçulmana e a sua frágil base de apoio na Assembleia

Consultiva, essencial para a sua longevidade. Em boa verdade, o terrorismo islâmico na Indonésia deriva da inacção do governo, das divisões nas forças armadas e do vácuo de poder que se criou no país desde o derrube do regime de Suharto.

NA INDONÉSIA, ATÉ À DATA, TEM-SE REGISTADO UMA NOTÁVEL FALTA DE VONTADE DE AGIR COM FIRMEZA CONTRA MANIFESTAÇÕES DE TERRORISMO MUÇULMANO.

Torna-se, assim, evidente que a Al-Qaida estabeleceu raízes fortes no Sudeste Asiático e que a organização terrorista de bin Laden se metasteziou nesta parte do mundo. A região

apresenta uma série de marcas que a tornam vulnerável a este tipo de penetração e propícia para a preparação e lançamento de ataques terroristas. O Sudeste Asiático é caracterizado por fronteiras terrestres e marítimas porosas, ideais para o tráfico de armas e o livre-trânsito de elementos criminosos. A maior parte dos governos da zona – nomeadamente, Singapura, Tailândia e as Filipinas – mantêm laços estreitos com o Ocidente, o que os torna alvos preferenciais para ataques antiamericanos. Além disso, com a sua enorme população, dispersa num meio geográfico fragmentado, os terroristas podem facilmente desaparecer de vista sem deixar rastros.

A corrupção política e a ineficácia dos aparelhos estaduais não permitem um efectivo controlo interno e de segurança. Os graves problemas político-sociais, agravados pela «crise asiática» de 1997 e pela mudança de regime na Indonésia, constituem terreno favorável à retórica fundamentalista. **RI**

NOTAS

¹ International Crisis Group (ICG), *Jemaah Islamiyah in South East Asia: Damaged But Still Dangerous*, ICG Asia Report n.º 63, Jakarta/Bruxelas, 26 de Agosto de 2003, p. i.

² Reeve, Simon. *The New Jackals: Ramzi Yousef, Osama bin Laden and the Future of Terrorism*, Boston, Northeastern University Press, 1999, v. cap. 4.

³ União Islâmica para a Libertação do Afeganistão (Ittihad-i Islami). O grupo, financiado pela Arábia Saudita, era naturalmente de orientação Wahabita.

⁴ ICG, *op. cit.*, pp. 2-6.

⁵ A FILM foi criada nos anos 80 no âmbito de um processo de ruptura com a Frente Nacional de Libertação Moro. O grupo tem uma orientação marcadamente religiosa e não se limita a esposar objectivos nacionalistas. O seu objectivo é a criação de um estado islâmico independente nas áreas do Sul das Filipinas onde existem muçulmanos. Este estado, a ser conhecido como República Islâmica do Mindanao, deverá ser baseado num sistema de governo que aplica a *Sharia* (lei islâmica) em todos os aspectos da vida. O grupo contará com entre 8000-15 000 combatentes treinados, na sua maior parte, por veteranos da guerra do Afeganistão. O grupo concentrou-se em actividades de guerrilha clássicas dirigidas

essencialmente contra os militares filipinos.

⁶ Fundado em 1989, o grupo luta pelo estabelecimento de um estado islâmico em todo o Mindanao. A sua ideologia é caracterizada pela intolerância religiosa violenta que passa pela eliminação dos cristãos. O seu objectivo está intimamente ligado a um plano integrado de domínio mundial do Islão através da *jihad*. Esta orientação religiosa deve-se, em grande parte, ao facto de membros do grupo terem estado intensivamente envolvidos na guerra do Afeganistão em finais dos anos 80. Muitos combatentes foram enviados para os campos de treino do Afeganistão e Paquistão [o nome do grupo deriva de o facto de o seu fundador, Janjalani, ter feito o seu treino militar num campo afegão dominado pelo saudita Sayyaf]. Desde 1994, que um grupo de ex-veteranos da *jihad* afegã, de origem árabe, tem treinado os guerrilheiros do Abu Sayyaf. O grupo tem-se notabilizado pela captura de reféns ocidentais, o que constitui uma notável fonte de financiamento. Cf. Angel Rabasa e Peter Chalk, *Indonesia's Transformation and the Stability of Southeast Asia*, RAND, Santa Monica, CA, MR-1344-AF, 2001, pp. 86-92.

⁷ Bonner, Raymond. «Southeast Asia Remains Fertile for Al Qaeda», *The New York Times*, 28 de Outubro de 2002.

⁸ ICG, *op. cit.*, pp. 16-18.

⁹ Estas escolas internas são um importante veículo de islamização (e, em numerosos casos, de disseminação do Islão radical) na Indonésia e na Malásia. Trata-se de uma rede difusa de escolas dirigidas por *sheikhs* muçulmanos locais, usufruindo de grande prestígio, onde são dispensados os ensinamentos da religião, o ensino escolar e outros serviços de apoio social. Esta instituição criou raízes a nível local que lhe permitiu ter uma influência político-social duradoura.

¹⁰ Jones, David Martin e Michael L. R. Smith, «Islamists Defeat Asian Way», *The World Today*, vol. 58, n.º 6, Junho de 2002.

¹¹ ICG, *Indonesia Background: Jihad in Central Sulawesi*, ICG Asia Report n.º 74, Jakarta/Bruxelas, 3 de Fevereiro de 2004, p. 2.

¹² ICG, *Indonesia Background: How the Jemaah Islamiyah Terrorist Network Operates*, Asia Report n.º 43, Jakarta/Bruxelas, 11 de Dezembro de 2003, p. 5.

¹³ «Confessions of an Al-Qaida Terrorist», *Time.com*, 15 de Setembro de 2002.

¹⁴ Klaidman, Michael e Daniel. «Following the Trail», *Newsweek*, 10 de Junho de 2002, pp. 24-26.